



“Alerta global, fim do mundo, a vingança da natureza”: enunciações da revista veja em análise¹

Bárbara Hees Garré²
Virginia Tavares Vieira³
Paula Corrêa Henning⁴

Resumo: O presente artigo trata de uma pesquisa que visa articular o campo da Educação Ambiental e os estudos da mídia. Diante da grande circulação de ditos referentes às questões ambientais nos veículos de comunicação de massa, o estudo ora apresentado tem como objetivo analisar algumas enunciações da revista Veja que tratam da temática ambiental, especialmente as que nos colocam a pensar quanto ao constante risco e perigo pela perda de nosso planeta. Apoiada em autores como Michel Foucault e Zygmunt Bauman o estudo tem como pretensão provocar discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um instrumento de ação política na sociedade atual. Aqui, tomamos a mídia como uma Pedagogia Cultural, que nos ensina a agir frente à crise ambiental que se instala na atualidade líquida moderna e vai constituindo nossos modos de vida. Sendo assim, este estudo tem como intenção problematizar tais ditos, colocando-os em suspenso e nos provocando a pensar sobre os efeitos produzidos em nossas vidas diárias.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mídia; Michel Foucault; Medo.

**“Global warning, end of the world, the nature’s revenge”:
enunciations from veja magazine in analyzis**

Abstract: The present article is about a research with the objective of articulate Environmental Education area and media studies. Taking into consideration the great amount of information related to environmental questions in the media, the study has as its goal analyze some

¹ Este Artigo foi originalmente publicado em Numero Especial Premiado: Dossiê Educação Ambiental/ANPED. REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, ISSN 1517-1256, Rio Grande/RS, Brasil. Jan/Julh. 2014. Pesquisa Financiada pelo Programa Observatório da Educação – CAPES.

² Doutoranda em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora do IFSUL campus Pelotas. barbaragarre@gmail.com

³ Doutoranda em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande – FURG. vi_violao@yahoo.com.br

⁴ Doutora em Educação pela Unisinos. Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. paula.henning@ig.com.br

enunciations from *Veja* magazine about environment, especially the ones that makes us think in the constant risk and danger for the losses of our planet. Supported by authors such as Michel Foucault and Zygmunt Bauman, the study has as its pretension induce discussions in the Environmental Education area, understanding it as a political action tool in the actual society. In this case, media is considered as a Cultural Pedagogy, that teach us how to behave towards the environmental crisis that is taking place in our modern society and constructs our ways of life. Said that, this study has as its intention problematize such ideas, highlighting them and inducing us to think about the effects produced in our everyday lives.

Key-words: Environmental Education; Media; Michel Foucault; Fear.

Situando o Estudo

Nosso cenário contemporâneo vem modificando-se cada vez mais. Guerras, disputas econômicas e sociais, fome, miséria, crescimento demográfico, desemprego, desenvolvimento técnico científico, desastres ecológicos, catástrofes, etc., são demandas que com o passar do tempo contribuíram significativamente para a transformação da superfície terrestre. Vivemos neste século uma crise social e ambiental que abrange a toda população, nos provocando pensar na qualidade de vida e no futuro da espécie humana. Somos interpelados diariamente pela mídia com questões referentes ao aquecimento global, ao descomedido uso dos recursos naturais, ao consumo exacerbado e as toneladas de lixo produzidas por nós, sujeitos deste tempo. Os veículos de comunicação demonstram seguramente uma grande apreensão diante dos problemas ambientais sofridos pela população mundial e, diante disso, nos provocam uma sensação de insegurança e medo perante o futuro do planeta. Nesses espaços de comunicação de massa circulam diferentes enunciações: de periculosidade e incerteza quanto a continuidade de vida terrestre; do modo como nós, humanos, vimos nos relacionando com o meio ambiente e com a natureza e da probabilidade de não termos mais um mundo para vivermos. Entendemos que artefatos culturais como o cinema, o rádio, a televisão, as revistas, etc., são ferramentas potentes que ensinam e legitimam valores ao difundir verdades e saberes acerca da crise ambiental vivida por nós na atualidade.

Diante deste cenário, temos como proposta neste trabalho analisar algumas enunciações da revista *Veja* que tratam da temática ambiental, especialmente as que nos colocam a pensar quanto ao constante risco e perigo pela perda de nosso planeta. Aqui, tomamos a mídia como uma Pedagogia Cultural, que nos ensina a agir frente a crise ambiental que se instala na atualidade líquida moderna e vai constituindo nossos modos de vida. Assim, este estudo tem como intenção problematizar tais ditos, colocando-os

em suspenso e nos provocando a pensar sobre os efeitos produzidos em nossas vidas diárias.

Algumas provocações que se cruzam: crise ambiental, cultura, consumo e mídia contemporânea

Vivemos a era da transformação, da informação, das mídias, da indústria digital e do consumo. Um tempo que refaz um mundo a todo instante, onde a cultura se sobrepõe a todas as fronteiras. Esta é a sociedade que Lipovetsky (2011) chamou de *era hipermoderna* – capaz de modificar “a superfície social e econômica da cultura” (p.7). Nestes tempos hipermodernos, diante do desenvolvimento da indústria cultural e dos meios digitais somos informados sobre o que acontece nos quatros cantos do mundo, o que conseqüentemente nos leva a sentimentos e sensações de estarmos vivendo todos em um mesmo contexto. Isto é o que Lipovetsky (2012) denominou cultura-mundo, ou cultura em escala planetária. O autor nos diz que,

[...] cultura mundo significa uma nova relação vivida com o fator distância, uma intensificação da tomada de consciência do mundo como fenômeno planetário, ou seja, visto como totalidade e unidade, pelo qual a globalização constitui uma nova realidade objetiva na história, sendo ao mesmo tempo uma realidade cultural, um fenômeno da consciência, da percepção e da emoção. A irrupção das novas tecnologias, o *mass media*, a internet, a rapidez dos transportes, as catástrofes ecológicas, o fim da Guerra Fria e do império soviético, tudo isso, além de haver suscitado a “unificação” do mundo, promoveu também uma maior consciência deste, junto a novas formas de ver, viver e pensar (LIPOVETSKY, 2012, p. 4-5) [grifos do autor].

Na atualidade estamos diante de uma crise ambiental que se instalou de forma avassaladora em nossa sociedade. Este é um problema que atinge a todos em escala global. Vimos surgir no século XXI um mundo inteiramente diferente do idealizado, o que nos provoca pensar nas diferentes formas de estarmos nos constituindo e estabelecendo relações com o meio em que vivemos. Guerras, pobreza, miséria, desequilíbrios ecológicos, catástrofes, etc. são questões que ameaçam a vida da população. Lipovetsky (2012) ressalta que nosso tempo é caracterizado pela unificação do mundo em decorrência da conexão de acontecimentos diante da abertura de mercados, das inovações tecnológicas, bem como dos processos da informação e da comunicação. Desta forma, isso nos leva a pensar o quanto somos atravessados por modelos de vida, por padrões econômicos e sociais, bem como por sentimentos de medo e insegurança que cruzam todas as barreiras e irrompem todas as fronteiras.

Bauman em suas obras “Medo Líquido” (2008) e “Confiança e Medo na Cidade” (2009) nos coloca a pensar na forma como o medo tem feito parte de nossas

vidas, sendo uma constante sensação de insegurança. Esta é uma das características da vida moderna na atualidade. O autor discorre sobre os diferentes medos que nos acompanham sejam de pessoas diferentes, de lugares desconhecidos, de sermos assaltados ou sequestrados, da crise financeira, dos desastres “naturais” e tantos outros. O sociólogo nos provoca a pensar o quanto o medo está cada vez mais esparramado em nossa sociedade e o quão complexo é conseguirmos estancá-lo, detê-lo, barrá-lo, pois ele é escorregadio, vem de diferentes locais, toma uma proporção avassaladora em nossas vidas, a ponto de cada vez mais buscarmos por segurança, por espaços fechados, seguros, vigiados e protegidos de qualquer perigo. As pessoas almejam construir uma vida tranquila, estável e segura, mas será essa uma vida possível no mundo em que vivemos? E quanto aos perigos que não podemos prever, aqueles que nos ameaçam diariamente e que não sabemos como enfrentá-los? Como lidar com tantos medos, vindos de diferentes lugares? Como escapar desses medos? Ou seria mais produtivo questionarmos: de que modo podemos viver enfrentando tais medos?

A partir das provocações de Bauman e Lipovetsky, entendemos que um desses medos líquidos modernos refere-se a possibilidade do fim da vida no planeta. Vemos que alguns discursos de Educação Ambiental que circulam comumente na mídia tendem a regular nosso cotidiano, sob a ambivalente política da prevenção e do medo: se não fizermos algo em prol da continuidade e da preservação da vida do planeta, estaremos colocando as nossas próprias vidas pessoais e coletivas em perigo. É necessário intervirmos já! Para que ainda dê tempo de fazer alguma coisa pelo futuro do planeta! Somos capturados por chamadas persuasivas e terroristas como estas, muito mais por medo do desconhecido, medo do que não podemos prever, do que por uma preocupação com o modo de vida que estamos produzindo neste planeta e das relações que estabelecemos com ele.

A problemática ambiental pela qual estamos sendo atravessados vem fazendo parte de nossas vidas, de forma mais acentuada, principalmente a partir da década de 90 do século XX. De outra forma, vale ressaltar que a preocupação com o meio ambiente, a natureza, o consumo e a sustentabilidade dos recursos naturais emergiram na década de 60 do século passado com os chamados movimentos da contracultura (movimentos pacifistas, feministas, hippies, estudantis). Tais movimentos se deram devido à insatisfação da sociedade diante do modelo de vida moderno que passara a se instalar no mundo ocidental. É também nesse período que começam as lutas ambientais, com o surgimento do movimento ecológico – este possibilitando levar a problemática

ambiental para a esfera pública, atribuindo a uma dimensão política. Por outro lado, as conferências mundiais, os congressos e as reuniões realizadas pelo mundo a partir da década de 70 em prol do meio ambiente tornou possível colocar em pauta temas como os referenciados acima. Recentemente, 20 anos após a ECO-92, foi realizado no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Além de reafirmar compromissos políticos sobre o desenvolvimento sustentável, a Conferência tratou de temas importantes como a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza, tanto no plano nacional como internacional. Uma busca desenfreada pelo crescimento ilimitado que começou na década de 40 do século passado, tendo como objetivo maior reconstruir sociedades devastadas pela Segunda Guerra Mundial, encontra nos dias atuais uma ampla apreensão diante de um modelo de crescimento que atenda as necessidades do século XXI.

Partindo deste ponto de vista, podemos dizer que o modelo social, político, econômico e cultural, bem como nossos modos de ser e estar no mundo contribuiu significativamente para que se instalasse em nosso planeta uma crise social e, por decorrência, ambiental. É plausível proferir que tal questão apresenta-se hoje como um dos grandes desafios da humanidade. Dia a dia somos bombardeados pela mídia com campanhas massivas preocupadas com a sustentabilidade do planeta e com o futuro da espécie humana na Terra. As questões relacionadas ao meio ambiente e a natureza, e também nossos modos de ser e viver a/na contemporaneidade tornaram-se alvos nos meios de comunicação de massa. Recorrentemente somos provocados e convidados a pensar na crise ambiental instalada em nosso planeta e, diante disso, os veículos de comunicação ao chamar nossa atenção para tais enunciações vêm produzindo verdades e saberes no campo da Educação Ambiental. Entendemos que a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiros, ou seja, quando elegemos aquilo o que deve ou não funcionar como verdade. Foucault, ao discorrer sobre a verdade nos diz que,

Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (2011,p.13). [grifos do autor]

Querendo colocar luz em tal questão, torna-se importante problematizarmos algumas dessas enunciações ditas como verdadeiras, que nos constituem e nos capturam

para agirmos frente a crise ambiental. De que forma somos interpelados por esses discursos com chamadas persuasivas, que a todo momento nos convidam a salvar o planeta? Como viveremos daqui em diante, já que fazemos parte de um tempo de constante desenvolvimento técnico científico, degradação da ecosfera e de consumo exacerbado?

Nossa época caracteriza-se pela proliferação de uma cultura consumista, onde há uma multiplicidade de produtos e serviços que invade todo globo terrestre. Como salienta Lipovetsky, “é o momento da comercialização quase integral de tudo – não apenas de objetos, como também da cultura, da arte, do tempo, da comunicação, da procriação, da vida e da morte” (2012, p. 18), ou seja, uma cultura *hiperconsumista*. Na sociedade de consumo e consumidores, a proposta é a satisfação de cada indivíduo, e não mais perfazer as necessidades individuais. Bauman acrescenta que a “sociedade de consumidores”, “[...] representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista” (2008, p.71). Lipovetsky (2012) complementa quando nos diz que vivemos em uma era de consumo diferentemente da que se dava até a década de 70, onde os bens adquiridos eram em benefícios coletivos. Nos dias atuais, o que está em voga, é o consumo individualista, marca característica da sociedade líquido-moderna. Nesse contexto, podemos dizer que estamos diante de uma nova cultura, construída e fabricada pela marca característica dos tempos atuais – *A era do consumo globalizado*. Cada vez mais consumimos produtos de marca, roupas de grife, objetos, filmes e músicas. Corroborando desta visão Costa salienta que,

O consumo deixou de ser uma prática banal do dia a dia, com raízes antigas, que atravessou os séculos, para se transformar no eixo das sociedades do presente, fonte de inspiração para a modelagem de uma enorme variedade de formas de vida e de padrões de relação entre as pessoas. Na sociedade de consumidores, as pessoas são ao mesmo tempo consumidoras e mercadorias (2009, p. 34).

Ao referir-se ao consumo, a autora ressalta o quanto este se tornou a linha organizadora de nossa sociedade, tanto na ordem social, política, econômica quanto cultural, no qual nascemos, crescemos e somos educados. Nesse sentido, vale fazermos algumas provocações: de que forma nos tornamos sujeitos nos dias de hoje? Como nos constituímos e somos constituídos dentro de uma sociedade consumidora?

Lipovetsky nos diz que,

[...] a abundância do consumo ocidental representa um sonho para quase todos os homens, erigindo-se como uma aspiração generalizada, um ideal de vida de dimensão universal. Em nossos países, até os mais desprovidos de recursos interiorizam os valores consumistas e tornaram-se mais ou menos hiperconsumidores, particularmente de imagens e mídias (2012, p.19).

Fazemos parte de um tempo marcado pela cultura da mídia, pelos meios de comunicação de massa que influencia a todos nós. A todo o momento estamos nos constituindo, nos modificando e nos tornando sujeitos no mundo de hoje. Bauman (2001) afirma que o consumo é o eixo organizador das sociedades do presente, na quais se articulam as formas de ser e viver a contemporaneidade.

No que tange a questão ambiental, constatamos que há uma busca incansável por um sujeito ambiental, ou seja, um tipo ideal de sujeito que esteja preocupado em modificar seus modos vida e de tecer suas relações com o meio em que vive. Diante disso, ressaltamos o quanto o discurso ecológico está atrelado também a um consumo desenfreado, ou seja, há uma propagação de produtos, modos de ser e viver que esteja em consonância com um mundo mais sustentável. Na busca desse sujeito preocupado com a sustentabilidade da vida neste planeta e com a qualidade de vida das futuras gerações, a mídia cada vez mais, vem nos persuadindo e nos capturando a participar dessa campanha massiva para salvar o planeta, e dessa forma vai fabricando modos de ser ecologicamente correto. Dessa forma, parece que na atualidade se torna cada vez mais urgente ter atitudes ecologicamente corretas, pois através de enunciações apocalípticas que se reverberam de diferentes formas, os sujeitos vão sendo culpabilizados e se culpabilizando pelos grandes problemas ambientais, entendendo que tem o compromisso de dirigir ao máximo seus esforços para tentar minimizar o quadro calamitoso que se instala. Tais atitudes vão além de fechar a torneira, reciclar o lixo e plantar uma árvore. É preciso mais do que isso! E nesse sentido a mídia vem constituindo novas formas de se tonar um *sujeito ambiental*, pois é preciso apostar na compra de produtos que colaborem com essa grande campanha mundial para que a vida na terra não se esgote. Para tanto estão aí as *ecobags*, *ecoclothes*, *ecohouses*, móveis *ecowood* e tantos outros produtos para serem consumidos em nome do medo instalado em nossas vidas através dos discursos de crise ambiental.

Importante destacar a forma como vimos olhando a mídia. Não a tomamos como instrumento de manipulação, de manobra política, que nos coloca como reféns de seus ditos. Aqui se trata de olhar a mídia como uma ferramenta produtiva que coloca em circulação alguns ditos, algumas verdades e, dessa forma, produz modos de ser e viver o

contemporâneo. Assim a tomamos como uma Pedagogia Cultural, conceito esse que é entendido como uma forma pedagógica de ensinar a partir de determinadas produções culturais. A forma como olhamos a questão ambiental, a natureza e a própria crise ambiental não está isenta da interpelação midiática e dos atravessamentos culturais. Não somos obrigados a agir de determinada forma, mas a cultura que nos constitui nos produz enquanto sujeitos desse tempo, marcados pela preocupação com a crise ambiental que se instala na atualidade. Assim, tomarmos um posicionamento frente a tal crise está intimamente relacionado ao modo como somos constituídos culturalmente. Nessa perspectiva é que tomamos a mídia como uma Pedagogia cultural, que nos produz, que produz nossas vidas, mas a qual também produzimos e damos sentidos.

Hoje, passa-se a compreender que importantes processos educativos estão ocorrendo em muitos outros locais além das escolas e através de operações tecnológicas e culturais muito diversificadas. [...] Essa nova ótica supõe que se considere a cultura e, mais especificamente, as múltiplas formas de cultura popular, como “pedagogias culturais”. Todas essas instâncias passam a ser compreendidas não apenas como transmissoras de conhecimento, de valores ou de verdades, mas como eficientes produtoras de identidades (LOURO, 2002, p. 232) [grifo da autora].

Colocar em análise algumas enunciações de terror e medo pela perda do planeta veiculadas nas reportagens de *Veja*, na perspectiva de uma Pedagogia Cultural torna-se uma relação potente no momento que compreendemos os atravessamentos da cultura que produzem tal campo de saber, ao mesmo tempo em que são produzidos por ele. Olhar, problematizar, compreender tais enunciações perpassa pela forma como fomos nos constituindo enquanto sujeitos desse tempo e que entendimentos temos de cultura, sociedade e meio ambiente.

Problematizando algumas enunciações da revista *Veja*

Nesta seção nos deteremos em analisar algumas enunciações⁵ da revista *Veja*⁶ que operam com o enunciado de terror e medo pela perda do planeta. Escolhemos trabalhar com tal revista por entendê-la como uma mídia potente no cenário brasileiro e que se torna produtora de verdades e sentidos. Aqui examinaremos alguns de seus ditos sem estarmos preocupadas em demarcá-los como certos ou errados. Entendemos que esses dizeres fazem parte de nossa vida cotidiana e produzem nossos modos de ser e de

⁵ Há enunciação cada vez que um corpo de signos for emitido. Entendendo que as enunciações dão visibilidade e sentido ao enunciado.

⁶ Revista semanal brasileira da Editora Abril e de maior circulação no Brasil.

viver. Através deles vamos participando de uma grande campanha mundial em prol do planeta. Pois cada um precisa fazer a sua parte!

O trabalho aqui em análise opera com algumas ferramentas da análise do discurso a partir dos estudos de Michel Foucault. Nessa perspectiva operamos com o conceito de enunciado, entendendo-o como um “átomo do discurso” (2002, p. 90). Seguindo essa correnteza o enunciado apareceria num jogo de relações em determinada prática discursiva, moldando nossa maneira de constituir e compreender o mundo em que vivemos. Aqui em especial constituindo a forma com que olhamos para as questões ambientais. Para o filósofo francês o enunciado está na ordem do discurso aceito como verdadeiro e legítimo em nossa sociedade. Para se atualizar precisa ser repetido e transmitido. O enunciado não se encontra em estado puro e natural. Ele encontra-se disperso e embaralhado, cabendo ao pesquisador reunir as regularidades enunciativas, multiplicando os sentidos e estabelecendo suas correlações. Nosso trabalho aqui será reunir as enunciações de nosso *corpus* de análise que dão sentido ao enunciado de terror e medo pela perda do planeta em algumas reportagens da revista Veja.

No material em estudo são recorrentes as enunciações que tratam da questão ambiental de forma apocalíptica. Comumente as chamadas das reportagens nos convidam a ver e a falar sobre a problemática ambiental, como podemos visualizar em algumas capas da revista Veja abaixo (respectivamente edição n. 1926, 2005; edição n. 2137, 2009; edição n. 2143, 2009), nas quais somos interpelados por imagens emblemáticas e terroristas que colocam em dúvida a continuidade de vida na terra.



A partir de tais chamamentos somos convidados a pensar, ver e dizer sobre a crise que se instala e que interpela a todos nós, afinal todos temos uma responsabilidade com o futuro do planeta. A sensação que se instala é muitas vezes de culpa, vamos nos responsabilizando pela rápida depredação ambiental, pelo aquecimento global nunca vivido anteriormente, pelas toneladas de lixo acumuladas, pelo desmatamento das florestas. Entendemos que em chamamentos como estes o homem é tomado como o

grande destruidor da natureza e precisa urgentemente agir para que ainda seja possível salvarmos o planeta. Através de apelos como estes vemos uma visão dicotômica entre homem e natureza se propagar. Aqui o homem não faz parte da natureza, do meio ambiente. Existe sim, um mundo natural em oposição ao mundo humano, da cultura e do social. Tomando os estudos de Carvalho (2008), pensamos que essa é uma forma equivocada de entendermos a relação homem e natureza, uma visão antropocêntrica, que precisa urgentemente ser repensada. Na correnteza da autora, Félix Guattari (2009) nos propõe pensar numa ecosofia, a partir dos três registros ecológicos. Aqui seria uma junção da ecologia com a filosofia. (Re) Inventaríamos outras possibilidades de nos relacionar com o meio ambiente, perpassando pelos eixos sociais, ambientais e da subjetividade humana. O autor defende a ideia de que uma possibilidade de resposta à crise ecológica necessitaria de uma “revolução política, social e cultural” (2009, p. 9). Assim, é fundamental que se pense a partir de abordagens que compreendam tais dimensões e a necessária “re-singularização” individual e coletiva. Talvez este seja um dos desafios colocados a nós na atualidade, de reinventarmos outros modos de vida, considerando os aspectos propostos pelo autor. Nos excertos abaixo apresentamos algumas enunciações que reforçam as imagens apresentadas acima:

Para onde vamos com **nossas agressões ao Planeta**? O pessimismo da resposta varia, mas há um consenso: a hora de agir é já. (2005, p. 84) [grifos nossos]

Nas reportagens das próximas páginas, Veja traça um panorama das **armadilhas produzidas pelos homens para si mesmos**, desde a exaustão dos recursos vitais como a água até os efeitos incontornáveis do aquecimento global, que podem ser amenizados na melhor das hipóteses, ou agravados em proporções dantescas, na pior. Duas reportagens registram também **pequenas réstias de esperança que podem vir a ser a salvação do planeta**. (2005, p. 85) [grifos nossos]

A natureza está agora cobrando a conta pelos excessos cometidos na atividade industrial, na ocupação humana dos últimos redutos selvagem e na interferência do homem na reprodução e no crescimento dos animais que domesticou. (2001, p. 93) [grifos nossos]

Novas pesquisas científicas dissiparam a mínima dúvida de que o aumento repentino da temperatura planetária se deve à ação humana, com escassa contribuição de qualquer outra influência da natureza. Até os ecocéticos aceitam agora a idéia assustadora de que **o tempo disponível para evitar a catástrofe global está perigosamente curto**. (2006, p.139) [grifos nossos]

Tais enunciações nos interpelam de forma avassaladora, nos colocam a viver cotidianamente a problemática ambiental que emerge na contemporaneidade. O homem é o culpado! Ao colocar tal consigna em análise, não queremos nos eximir de nossas responsabilidades, mas sim problematizarmos tal entendimento que separa o mundo natural do mundo social e cultural. Entendemos que a crise ambiental vivenciada por

todos nós é decorrente do nosso modo de vida, da forma que interagimos com o meio ambiente, da cultura consumista da vida moderna. Entretanto, percebemos que não há como separar as questões relativas ao ambiental, do social, do cultural e do político. Assim, gostaríamos de provocar o pensamento acerca de tais questões, entendendo que o homem faz parte da natureza, produz modificações, mas também é produzido por elas. Nesse sentido, concordamos que é nos atravessamentos culturais que se dão tais relações.

Na correnteza das discussões acima, os excertos em destaque abaixo, nos provocam, constantemente, a pensar na relação que estabelecemos com a natureza e do quão importante é projetarmos o futuro. Em tais ditos são constantemente afirmadas nossas responsabilidades por toda a degradação realizada até o momento. Precisamos, urgentemente, agir caso contrário não teremos esse planeta para viver ou pelo menos para viver de forma digna.

(...) Sem se dar conta, os **6 bilhões de pessoas tornaram-se um fardo pesado demais para o planeta**, tanto sobre o solo, quanto no mar e no ar. **Agora a natureza está mandando a conta. O efeito mais apocalíptico dessa mensagem é o aquecimento global**, cuja a causa mais provável é a **concentração na atmosfera de gases produzidos pela queima de gasolina, óleo e outros combustíveis por fábricas e veículos**. (Veja, 2001, p. 94)

O homem está tirando da natureza mais do que ela pode dar: 1 – Água – em 100 anos seu consumo multiplicou-se por seis e hoje um terço da humanidade em áreas onde falta água limpa. 2 – Mudança Climática – A temperatura média da Terra elevou-se em 1 grau nos últimos 120 anos, fazendo derreter o gelo das calotas polares e aumentando a intensidade dos furacões. 3 – Biodiversidade – 840 espécies catalogadas de seres vivos foram extintas nos últimos 500 anos. 4 – Poluição – A **concentração de gás carbônico na atmosfera cresceu 30% nos últimos 150 anos e as mortes relacionadas ao ar poluído chegam a 3 milhões por ano**. 5 – Energia – O **consumo de energia aumentou 32 vezes** no último século. (Veja, 2005, p. 91)

Antes que você acabe de ler essa frase, **terão nascido no mundo quarenta bebês**, enquanto vinte de nós terão deixado o plano material para prestar as contas com Deus. O saldo é a chegada **a cada dez segundos, de vinte novos moradores da Terra, prontos para crescer, estudar, trabalhar, namorar, casar e ter filhos**. (Veja, 2009, p. 135) [grifos nossos].

Em apelos como estes, entendemos que a estratégia do biopoder, como problematizou Michel Foucault (1985, 2005, 2008a, 2008b) é colocada em funcionamento, pois é necessário que se pense na crise ambiental, no futuro do planeta e nos perigos que estamos submetidos caso não façamos nada para contê-los. O próprio autor argumenta que:

(...) a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc (FOUCAULT, 2005, p.289).

Dessa forma, essa estratégia de poder – centrada na vida da população – precisa calcular, antecipar, medir e prever o que poderá colocar a vida em risco. Agir, intervir e prevenir são ações do biopoder que visam o futuro. Assim, estabelecer as probabilidades futuras torna-se uma ferramenta indispensável para tal tecnologia. Visualizamos nos extratos analisados acima o quanto, os números, as porcentagens e as probabilidades estatísticas produzem um enunciado potente, que nos coloca a pensar na crise ambiental e na necessidade de agirmos coletivamente em prol da vida da coletividade. Assim, o biopoder tem nos mecanismos de previsão, estatística e probabilidade, importantes ferramentas de mapeamento e diagnóstico. Essas ferramentas possibilitam traçar calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Não estaria aí uma característica forte de tais enunciações acerca do futuro da vida no planeta? Pensar nas probabilidades do que irá ocorrer no futuro e de como devemos agir mediante a crise que nos acomete? O excerto abaixo coloca em evidência tal possibilidade.

Reflorestar

Financiar e dar incentivos ao plantio e exploração de florestas renováveis, além de recuperar áreas de matas nativas e pastos degradados.

Redução: árvores renovam naturalmente o ar que respiramos, ao retirar gás carbônico da atmosfera e liberar oxigênio. Ao longo de sua vida, capturam CO₂ em proporções diferentes. Um hectare é suficiente para resgatar 1,8 tonelada de gases danosos por ano, equivalentes ao consumo de eletricidade de uma casa por ano.

Energias Alternativas

Produzir energia elétrica com ajuda do vento ou do sol é até oito vezes mais caro do que por métodos tradicionais. Subsidiar a produção de energia solar e eólica contudo, pode ser dinheiro bem gasto.

Redução: em países com baixa tradição tecnológica, a produção de energia eólica e solar poderia ser uma alternativa ao uso de usinas nucleares, mais limpas que as movidas a combustíveis fósseis.

Carros Elétricos e Híbridos

Esses veículos emitem até 30% menos CO₂, mas custam até 25% mais que seus rivais compactos e poluidores. Subsidiá-los é lucro para qualquer metrópole.

Redução: um carro de passeio joga 2 toneladas de carbono por ano na atmosfera, valor igual à quantidade capturada por 170 árvores durante dez anos.

Consumir menos

Uma lâmpada feita com os modernos LEDs (sigla em inglês para Light Emitting Diode) emite a mesma quantidade de luz de uma lâmpada incandescente tradicional usando apenas 25 % de energia. Além disso, sua vida útil é estimada em 50000 horas, contra apenas 1000 horas das concorrentes. Mas ela ainda custa até vinte vezes mais do que as lâmpadas comuns. Subsidiá-la pode ser uma saída.

Redução: se todas as lâmpadas de Nova York fossem substituídas por LEDs, a economia seria de 264 TW/h, que, gerados por usinas termelétricas, jogam na atmosfera 200000 toneladas métricas de gás carbônico por ano, o

equivalente ao consumo anual de uma frota de 36000 veículos. (Revista Veja, 2009, p. 136 e 137).

Como não participar dessa onda verde em prol da vida da coletividade? Como não consumir produtos que reduzam os impactos ambientais? Como ficar indiferente ao quadro calamitoso que está se desenhando? Como não agirmos, não fazermos a nossa parte? As enunciações tratadas nas reportagens em análise nos apresentam a situação que temos para enfrentar e do quanto a probabilidade é de que piore muito nos próximos anos. Para isso precisamos intervir logo, cada uma fazendo a sua parte, em benefício da vida futura. Nossa provocação aqui é no sentido de nos colocarmos a pensar em tais ditos e de que forma eles produzem nossas vidas públicas e privadas. Será que ao atendermos ao convite, ao chamamento midiático, comprando um produto menos agressivo ao meio ambiente, economizando água ou plantando uma árvore, estamos fazendo por entender que é necessário uma outra forma de nos relacionarmos com o ambiente ou fizemos por medo e culpa? Será que com tais chamamentos apocalípticos a mídia nos convida a pensar nas relações sociais, culturais e ambientais que estamos produzindo? Pensar em tais questões é o que tem movido nossas discussões.

Breves conclusões

Ao analisarmos as enunciações da revista Veja que colocam em dúvida a continuidade de vida na terra, produzindo uma sensação de angústia e insegurança que invadem as nossas vidas, problematizamos o quanto a sensação que nos acomete é de um medo constante pelo que poderá acontecer, de como enfrentaremos o desconhecido, aquilo que não podemos conter. Neste caso como conteremos “O Fim do Mundo” (Revista Veja, novembro de 2009)? ou “A Vingança da Natureza” (Revista Veja, abril de 2001)? Parece-nos que não sabemos lidar muito bem com essa possibilidade, pois não temos certeza de quando o próximo furacão atacará, ou o próximo tremor de terras destruirá cidades ou quando o mar invadirá as cidades. Os desastres ambientais são cada vez mais imprevisíveis, o que nos coloca cada vez mais inseguros. Bauman nos diz que o “‘Medo’ é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além de nosso alcance” (BAUMAN, 2008, p. 8) [grifos do autor]. Assim, entendemos que o medo cada vez mais faz parte de nossa vida e tem sido, em algumas reportagens da revista Veja, uma estratégia potente para colocar a população em alerta quanto a crise ambiental. Embora não saibamos muito bem quando seremos

surpreendidos pela “Fúria da Natureza”, os dados estatísticos tem nos mostrado que se não agirmos rápido, nosso futuro será calamitoso.

Assim, nesse trabalho, tentamos colocar em discussão o modo como a mídia impressa, especialmente a revista *Veja*, tem tratado da questão ambiental em algumas reportagens. Não queremos nos posicionar contra ou a favor de seus ditos, mas colocá-los em discussão, entendendo que de alguma forma constituem nossas vidas e fazem parte de nosso cotidiano. Quisemos nos colocar a pensar que talvez nosso grande desafio na atualidade seja de pensarmos possibilidades de enfrentar esses medos líquidos modernos, produzindo outros modos de nos relacionarmos com o social, o cultural, o ambiental e o político.

Referências:

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida para consumo: a transformação da pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

_____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. O Consumismo na Sociedade de Consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Segurança, Território, População: curso no Collège de France (1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *Nascimento da Biopolítica: curso no Collège de France (1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles e HERVÉ, Juvin. *A Globalização Ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária*. Barueri, SP: Manole, (2012).

LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002.